

O necessário acordo de regime



Sebastião Feyo de Azevedo
Prof. catedrático, reitor da Univ.do Porto

Os seres humanos têm generalizadamente a memória curta e desconhecem ou não valorizam devidamente a história que não viveram. É nesta realidade que se percebe que 40 anos sejam uma referência de tempo de muitos ciclos políticos da nossa vida: em 40 anos, os atores do passado (a maioria...) deixaram

de ser atores e os atuais atores (a maioria...) ou eram crianças, ou ainda não tinham nascido. Desconhecem-se as lições. Sobrepoem-se as agendas e as utopias. Reiniciam-se os ciclos. Retomam-se os erros.

Pois é, dentro de um mês, no dia 6 de novembro, assinalam-se os 40 anos de um debate épico na RTP, entre Soares e Cunhal, de mais de 3 horas, em que de forma brilhante Soares explicou o que os separava. A questão de fundo era o modelo político e os grandes temas ideológicos de divisão projetavam-se na adesão à União Europeia e na saída da NATO, para lá de "minudências" como a da independência de Angola, única grande questão que realmente Cunhal ganhou.



O futuro próximo passa prioritariamente pelo entendimento entre uma Coligação e um PS que tantos serviços relevantes prestaram ao país nos últimos 40 anos. Cada um dos eleitos que assuma as suas responsabilidades

Hoje, alguns reacendem o objetivo de fundo da negação da União Europeia, protagonizado por conveniência do momento na rejeição do euro e na recusa da dívida. Uns tantos, por estratégia, revisitam os conceitos monolíticos, simplistas e desajustados da realidade, de "Esquerda" e de "Direita". Recomeça o ciclo.

2. No passado dia 27 de setembro exprimi nas páginas deste jornal a minha opinião relativamente ao necessário entendimento democrático, pós-eleições de 4 de outubro, que traduzisse em governação estável a vontade do povo expressa nas urnas. Antecipava, no essencial, os (óbvios) resultados que se verificaram, de ausência de uma maioria absoluta associada a

um programa coeso. Tinha e tenho como claro que, independentemente de alguns sinais reais de recuperação, continuamos a viver uma imensa crise de dificuldades de desenvolvimento, de desemprego e de pobreza e que Portugal precisa de um Governo estável, de base social alargada, para ganhar o combate.

Que se aprenda com a história e que se respeite a vontade do povo. Face aos resultados eleitorais, o futuro próximo de Portugal passa prioritariamente pelo entendimento entre uma Coligação e um Partido Socialista que tantos serviços relevantes prestaram ao país nos últimos 40 anos. Cada um dos eleitos que assuma as suas responsabilidades.